



Incerteza, empregos e o Estado

No mesmo dia em que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva antecipava os dados divulgados pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), na quinta-feira, 17, de que o País gerou mais de 150 mil empregos e bateria novamente o recorde mensal, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento (OCDE) anunciava que a taxa de desemprego nos 30 países que a compõem, ficou em 8,5% em julho. A coincidência dos anúncios, ambos ocorridos na segunda-feira, dia 14, são o retrato de como a crise atingiu de forma distinta os países desenvolvidos e em desenvolvimento, em especial

o Brasil, considerado um dos últimos a entrar e a sair da crise econômica mundial.

A discussão em torno de o Brasil ter ou não ter deixado para trás a recessão econômica é irrelevante, se levado em conta, o bom desempenho de inúmeros indicadores que, tradicionalmente, são atingidos em momentos de incertezas internacionais. Pesquisa divulgada no dia 9, pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), por exemplo, mostra que a crise não interrompeu a expansão da classe média no País. De acordo com os dados, a classe C cresceu 2,5% de julho de 2008 ao mesmo mês deste ano.